

O grande filósofo grego Platão.

Reflexão sobre a questão do conhecimento em duas obras platônicas: *Teeteto* e *Fédon*, e possíveis desdobramentos existenciais para o homem de hoje

Prof. Atilio Monteiro Júnior, que leciona Filosofia e História no Colégio FAAP.

A seguinte reflexão poderá parecer por demais acadêmica. No entanto, sendo a FAAP instituição de excelência na construção do saber de nossa juventude, parece-me oportuno desenvolver, mais frequentemente, colocações que emanem do campo filosófico, pois que este, precipuamente, tem a qualidade de se perguntar por tudo **o que é**, tudo **o que existe** e **como existe**, ou seja, gerar **inquietação** e, conseqüentemente, **busca por respostas**, como é da natureza da filosofia.

Nesse sentido, inauguro esta participação oferecendo um pequeno trabalho comparativo e de recorte entre duas obras conhecidas de **Platão**, filósofo de primeira grandeza na plêiade dos pensadores da humanidade, como sabemos. A primeira delas é o diálogo **Teeteto** sobre a questão do **conhecimento**. A outra é **Fédon**, um diálogo sobre a **existência da alma**. Platão via a construção do conhecimento fortemente determinada por uma condição fundamental: a entrega progressiva e total da mente ao **processo dialético**, que

levaria a pessoa a desprezar as coisas sensíveis e atingir a *theoría*, a contemplação da verdade, imune das ilusões que os sentidos podem trazer. Ou seja, Platão faz uma **crítica severa ao empirismo** como fonte de conhecimento. Empirismo significa conhecer através da experiência que os sentidos nos dão. Esta será, inclusive, a base da epistemologia aristotélica, posteriormente, e de outros tantos nomes quer medievais, quer modernos e mesmo contemporâneos. Mas as limitações do empirismo apontadas ao longo de todo o *Teeteto* são, novamente, enfatizadas no *Fédon*. Nesse diálogo, Platão vai mais longe e mostra que superar o empirismo implica discutir a moral e a imortalidade da alma. Vejamos como.

A ARGUMENTAÇÃO PLATÔNICA CONTRA O EMPIRISMO

Fédon e *Teeteto* constituem, por assim dizer, duas faces da mesma moeda. O pano de fundo **que está em foco é o conhecimento e sua natureza**, ou seja: o que é e

como o adquirimos. Seria via sentidos, sensações? Via opinião verdadeira? Via opinião verdadeira com justificação? Ou seria via raciocínio a partir de reminiscências de uma alma imortal e em processo de purificação? Enfim, a problemática colocada por Platão embrenha-se no intrincado labirinto dos argumentos. Nesse “labirinto” também se faz necessário um fio condutor. Nos dois diálogos, tal fio é representado pela questão “O que é conhecimento”, que **passará pelo crivo de diversas instâncias argumentativas**, desde a questão, empírica, isto é, se é possível adquirir conhecimento através da experiência sensível, até a alma contemplativa do ser em si na beatitude da vida pós-morte. Diga-se que, sobretudo em *Fédon*, o método socrático e sua dialética aparecem em toda a plenitude.

Em Platão, pois, dizer que podemos obter conhecimento através das sensações ou de opiniões justificadas, não é possível. Tal empirismo, que nos coloca tremendamente dependentes dos sentidos é, em última análise, **enganoso para adquirir conhecimento**. Essa tese foi demonstrada em *Teeteto* e em boa parte de *Fédon*.

Se tomarmos a expressão “**empirismo**” como a impressão que as sensações causam em nós, podemos enumerar alguns argumentos de Sócrates que corroboram a conclusão de que conhecimento não é sensação: quando refuta a proposição heraclitiana, “**as coisas são como aparecem a cada um, sendo sensação do que é e não ilusão**”. Porém, aqui não temos uma verdade objetiva. Como é possível duas pessoas terem sensações diferentes de um mesmo objeto? Nessa perspectiva, Platão, sempre **pela boca de Sócrates**, vai desenvolver a teoria da sensação em que temos forças ativas, capazes de mover e forças passivas, capazes de serem movidas. Desse jogo ininterrupto deriva o que existe, e desse encontro resulta a **sensação**. É apresentado também o **argumento do sonho**: sonhando posso voar, acordado não posso. **Onde está a verdade?** Outro argumento que podemos exemplificar do texto é o da **memória**. Ou seja, se vejo algo num tempo inicial, então conheço algo. Se não olho mais para esse algo, não o conheço mais. Se assim fosse, teríamos que concluir que conheço e não conheço ao mesmo tempo, o que é absurdo!

Ao **criticar o heraclitianismo**, Sócrates diz que, se considerarmos válida a tese de Heráclito, que a mudança se opera em termos de lugar e de qualidade, temos de admitir que esta mudança tem de ter sempre os dois sentidos. Mas se as coisas mudam quanto à qualidade, apenas, não temos condições sequer de nomear o que existe, pois, no momento em que nomeio, a coisa já não é ela mesma. Mais uma vez, admite-se que o conhecimento não resulta de sensação ou de empirismo, experiência.

Podemos apontar também a **crítica que Sócrates faz a Protágoras**, que afirmava ser “**o homem a medida de todas as coisas**”, pois, se assim fosse, não teria sentido o ensinamento desse filósofo sofista, uma vez que conhecimento seria o que aparece a cada um e, portan-

to, não haveria **diferença** entre o **sábio** e o **ignorante**. Ainda na linha de refutar os sentidos como origem de conhecimento, o **argumento da língua bárbara** mostra que, quando vemos uma palavra escrita de outra língua, podemos reconhecer até a cor e os caracteres, mas não o sentido da palavra.

Ora, tentando responder ou resolver a questão se conhecimento é sensação, **Sócrates diz que conheço no momento em que a alma percebe a diferença ou semelhança entre os seres**. Aí é que se dá a percepção de que o objeto é: a beleza, a justiça, a bondade etc. Aqui, Platão já aponta para o que será tratado em *Fédon*. Portanto, para o nosso filósofo, falando sempre pela boca do mestre Sócrates, conhecimento não é sensação, não nos vem pelos sentidos, porque o conhecimento não se dá no momento mesmo da captação do objeto pelos sentidos, mas sim no momento em que a alma julga, emite juízos a partir de critérios comparativos de diferença, semelhança etc. Seria, dessa maneira, que o ser humano pode conhecer algo; na medida em que se dá conta e apreende o que a coisa é, a partir de uma operação interior. Para que isso aconteça, as coisas não podem estar em contínuo movimento ou mudança, pois a alma apreende categorias que são eternas e não mudam, não estão sujeitas ao devir.

Mesmo quando se toma conhecimento como opinião verdadeira, se vai afirmar que **não é possível formar opinião sobre o que não sabemos**. Opinião falsa não seria possível, senão teríamos que tomar algo que conhecemos, não pelo que é, mas por outra coisa que já conhecemos. Não seria possível, num primeiro momento, trocar uma ideia pela outra, pois a mente seria como que um recipiente em que as ideias são depositadas. **Assim, conhecer seria ter algo imediatamente presente à mente**. Do mesmo modo, não é possível tomar o que se sabe pelo que não se sabe. E ainda, continuando a lógica do raciocínio socrático, formar opinião falsa seria o mesmo que pensar no que não existe, seja enfocando o todo (absoluto), seja a parte (relativo). Por exemplo, pensar na beleza de *Teeteto*, significa pensar em *Teeteto* como tal.

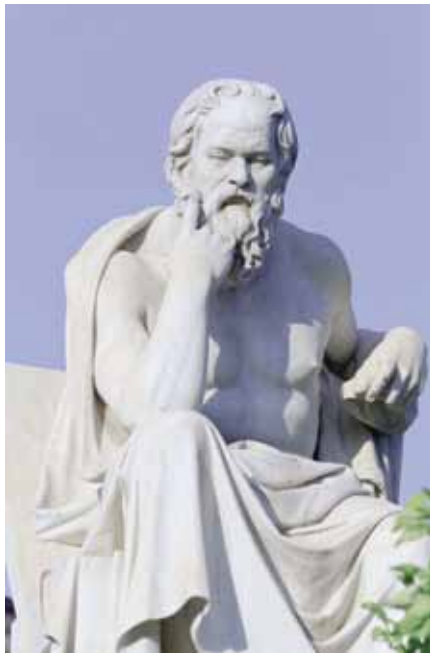
Desse modo, não é possível pensar o que não existe, ou pensar em nada. Aqui Sócrates retoma Parmênides, pois o pensamento será sempre sobre o que é. **Não é possível pensar sobre o que não é**.

Por outro lado, o famoso exemplo do **modelo de cera**, inclui o aspecto da **memória**. Conhecemos quando gravamos, profundamente, a ideia das coisas que recebemos das sensações e, se a cera for boa, gravará mais duravelmente. Assim a memória passa a ter um aspecto importante de conhecimento, e não apenas percepção de algo. Mas a memória tem seus inconvenientes. A partir da memória, é possível trocar uma coisa por outra. É possível o engano. E este se dá quando uma das coisas consideradas está na sensação e a outra na memória. Já no exemplo do aviário, Sócrates propõe mais um argumento para tentar chegar à possibilidade de opinião

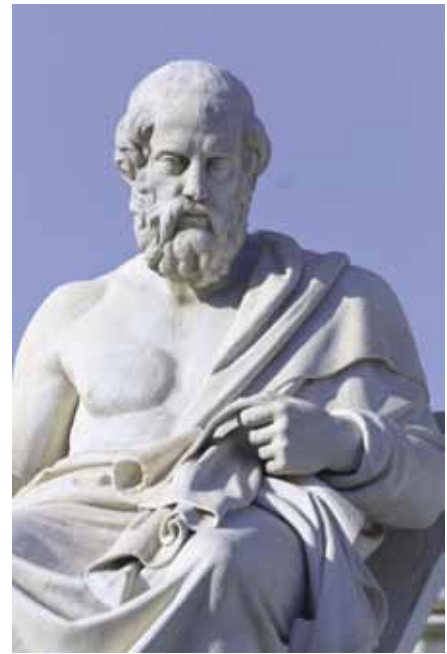
falsa. Nesse caso, a mente humana seria vazia desde a infância e, desde então, vão sendo depositados na mente os conhecimentos, como se fossem pombos num aviário, no qual se vai buscar o que se quer, como num recipiente. A opinião falsa ocorreria ao se tomar uma ideia por outra. Ao voltar à investigação da opinião verdadeira, Sócrates evoca o exemplo do juiz que pode emitir uma sentença a partir do que ouviu sem ter presenciado o crime. Assim, **pode haver opinião verdadeira sem ser conhecimento**. Nesse ponto, Sócrates mostra que todas as coisas são formadas ou compostas de elementos primitivos ou simples que não são possíveis de divisão. Também podemos explicar o que existe por palavras, ou pelos sinais que distinguem as coisas. Por exemplo, ter nariz achatado e olhos saltados reporta-me a Sócrates, ou melhor, à ideia de Sócrates.

A ascese socrática pode constituir no tempo precioso que devemos dedicar ao contato pessoal com nossos educandos

O diálogo *Teeteto*, porém, apesar dos esforços argumentativos de Sócrates, **não dá conta de modo cabal da questão do conhecimento**. Ela fica em aberto. Mas em *Fédon*, temos um salto qualitativo considerável rumo à uma solução sobre o que é conhecimento, uma vez que, Sócrates, à beira da morte alegremente, até, demonstrou a necessidade de superar toda a experiência sensível para se chegar ao conhecimento em si. Para Sócrates, as sensações são realmente enganosas e atrapalham a busca da verdade. Assim, libertar-se das paixões desordenadas e subjugar o corpo, o mais possível, constituem o trabalho perene do verdadeiro filósofo que, dessa maneira, se prepara para o fim último de sua vida: a **morte**, não como fim de tudo, mas como libertação do mundo sensível que obstaculiza a aquisição do verdadeiro conhecimento, aquele único que pode fazer o ser humano feliz.



A estátua de Sócrates.



Uma estátua de Platão.

Desse modo, quem busca o conhecimento verdadeiro, deve afastar-se das coisas corporais, pois enquanto a alma procura a verdade, através do corpo, pode ser enganada pelos sentidos, com desejos desordenados, necessidades de manter-se, ou mesmo, falsas necessidades (consumismo), tristeza, alegria, ira, dor, cansaço, ansiedade etc. **Platão preconiza que conhece a essência das coisas quem examina as coisas com o pensamento sem mistura de nenhum outro sentido corporal**.

Daí a implicação moral para o agir de quem busca a verdadeira sabedoria e o conhecimento. Para atingir esta purificação, a alma deve **agir coerentemente durante a vida**, abstendo-se o mais possível de tudo o que possa configurar empecilho para a sua ascensão espiritual rumo ao conhecimento, quando verá o ser em si, o belo em si, a justiça em si. As coisas corpóreas e materiais teriam meramente o papel de ajudar a lembrar do conhecimento, enquanto possível nesta vida, não alcançá-lo.

Assim, a moral que aqui se propõe visa a **acostumar o filósofo a agir bem**, sem apego ou paixão alguma desordenada pelo que quer que seja, a fim de, libertado deste corpo mortal, fruir a visão da realidade em si. Para tanto, faz-se mister admitir que a alma não desaparece junto com o corpo após a morte. Com os argumentos dos contrários, Sócrates afirma que todas as coisas nascem da mesma forma, isto é, das coisas contrárias nasce o novo. Ou, poderíamos dizer de modo junguiano, mais modernamente, **dos opostos temos a novidade**.

Assim, ocorre com o quente e o frio, o seco e o úmido, o fraco e o forte, o claro e o escuro, masculino e feminino etc. Ora, a vida também possui o seu contrário: a **morte**. E, para Platão, é necessário que a morte tenha seu contrá-

rio, que é o **renascer**. E se os vivos nascem dos mortos e estes daqueles, isso provaria que a alma dos mortos existe em algum lugar de onde voltam à vida. Essa ideia serviu para Platão sustentar a teoria da reminiscência. Diante da colocação de que conhecer é recordar e se esse princípio for exato, é necessário que tenhamos adquirido conhecimento em outro tempo e lugar de coisas que recordamos. Para Platão, portanto, quando obtemos conhecimento, de certo modo, este é **recordação**. E as **recordações se estabelecem sejam por coisas semelhantes, sejam por coisas dissemelhantes**. Por exemplo, ao ver uma foto e reconhecer a pessoa fotografada. Mas a reminiscência vai requerer uma distinção entre a igualdade nas coisas e a igualdade em si. Só é possível perceber a igualdade nas coisas porque já se tem a ideia de igualdade. E não existe nada no mundo sensível que seja perfeitamente igual, como o é a igualdade em si. Logo, a igualdade nas coisas sensíveis é imperfeita.

Mas, se tínhamos conhecimento do que é em si, quando foi que o perdemos? Antes do nascimento não poderia ser, porque foi quando tínhamos a visão das coisas em si. É preciso que a alma tenha existido antes do nascimento pois, após o nascimento, começou a ter a experiência dos sentidos, as sensações e, como já foi dito, para Platão, não se conhece através dos sentidos ou da experiência sensível.

Devemos, ainda, examinar o **argumento da afinidade**, pelo qual Platão diz que a alma é afeita ou tem afinidade não com as coisas compostas, mas sim com as que não são compostas. A alma está ligada ao que permanece. Se uma alma se livra do corpo, ainda com “apegos” ao sensível, e, assim, de certo modo, “impura”, irá habitar um corpo de acordo com a sua condição. A alma, porém, purificada por uma vida de **ascese**, tem afinidade com o que não muda e não é composto, mas simples. Porque a realidade, em si, não é passível de mudança. Só o filósofo tem condições de romper com o ciclo de voltas a este mundo, porque ele não tem afinidade com o que é sensível, treinado que está pela ascese que o liberta dos apegos desordenados.

Nesta altura do *Fédon* resta, ainda, provar a imortalidade da alma, cuja objeção é colocada por dois argumentos: o **argumento da lira** e o **argumento da roupa**. Pelo argumento da lira, ou da harmonia, Sócrates afirma que a lira e suas cordas estariam para o corpo, assim como a harmonia dos sons que o instrumento produz está para a alma. Ao se quebrar a lira, quebra-se também a existência da harmonia. O argumento da roupa vai dizer que, tal qual um tecelão que usou várias roupas durante a vida, chega um momento em que ele morre e desaparece, bem como a roupa que usava. Desse modo poderia se mostrar que a alma não é imortal.

Sócrates refuta esses argumentos ao dizer que, quanto ao argumento da harmonia, é incompatível com a reminiscência e que a **relação alma/corpo não é a mesma que a relação harmonia/lira**. A alma tem capacidade de mandar no corpo e suas vontades. O mesmo se aplicaria ao argumento da roupa.

Fédon supera satisfatoriamente o empirismo de *Teeteto*, dá conta da questão do conhecimento desenvolvendo a noção da alma como sujeito do conhecimento e não mais a experiência sensível. Para Platão, as experiências sensíveis não têm a capacidade de revelar o ser em si mesmo, pois as sensações são incertas e levam ao erro.

Possuidor de alma imortal e indestrutível, o **homem pode conhecer**. Porém, para alcançar essa dádiva, deve enveredar e abraçar o caminho ascético da filosofia. É todo um programa de vida. Sabemos que muitos elementos desse programa de vida serão retomados com maior consistência até em tempos não muito distantes de Sócrates e Platão.

POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES PARA O NOSSO TEMPO

Feito este recorte argumentativo entre as duas obras do *corpus platonicum*, *Teeteto* e *Fédon*, em que se tenta definir o que é conhecimento e como obtê-lo, a partir da teoria das ideias e da dialética, poderíamos fazer algumas considerações.

A primeira seria a tentação de tomar o pensamento de Platão e seus argumentos como algo obsoleto para nossos dias não servindo, senão, como exposição no “museu” da evolução do pensamento humano. Afinal, para o homem hodierno, aceitar que as coisas que vemos são, apenas, imagens imperfeitas que nos enganam, é **risível**. Já o discípulo mais famoso de Platão, Aristóteles, tinha demonstrado a inconsistência da teoria do mestre. Concluiu dizendo que **“não há nada na mente que antes não tenha passado pelos sentidos”**. E, assim é. De fato, não adianta imaginar que a parede ou a cadeira que tenho diante de mim não são reais de fato. Não posso tentar atravessar uma parede sem o risco de ir parar numa enfermaria... Nesse **sentido estrito**, o pensamento platônico não dá conta de muitas questões. Mas há outro sentido. E, aqui adentro a segunda consideração, que chamo **sentido lato**. Para Platão, a realidade nos engana. E hoje, haveria algum tipo de realidade que pode nos iludir? Sabemos que sim, e vários. Embora o conhecimento se inicie pelos sentidos, de fato, e constitui também a base da ciência, depois de comprovada a experiência, o ser humano vive situações diversificadas que, em última análise, são ilusórias. E todas situações criadas pelo próprio homem.

Hoje, a palavra **“virtual”** talvez seja das mais utilizadas no nosso mundo pós-moderno. E aí, o desenvolvimento tecnológico, em que pese toda a importância e utilidade para o bem-estar da humanidade, contribui eficazmente para o que chamo de um crescente **“estado de virtualidade”** do homem no mundo. Falamos de “amizade virtual”, “negócio virtual”, “namoro virtual”, até “sexo virtual”... Tal estado de virtualidade não seria tão ilusório ou enganoso quanto a realidade dos sentidos rejeitada por Platão?

Não se trata, em absoluto, de terçar armas contra a realidade que temos, nem contra a tecnologia, mesmo sendo prolífica engendradora de ilusões. Mas antes, trata-se de, com os pés no chão, **perceber e dar a perceber**, so-

bretudo pelo **processo educativo**, que nosso tempo traz em seu bojo, entre tantas contradições, mais essa, ou seja, há situações em que o ser humano é levado ao erro, ao engano, à ilusão e, conseqüentemente, à frustração e à decepção. Não é raro alguém se “apaixonar” por outra pessoa via Internet, apenas virtualmente, até chegar a conhecer a pessoa, mas perceber que tudo o que “sabia” dela através de um *chat* era mentira. Ou, até, correr risco de vida. Tecnologia em suas múltiplas formas: Internet, *blogs*, Facebook, Twitter, *chats*, *sites* etc., são meios que devem ser bem utilizados. O que significa “bem utilizados”? Apliquemos a “**regra do tanto quanto**”. Uma coisa é boa tanto quanto nos aproxima de um bem, se leva ao crescimento humano, ao conhecimento ou ao serviço do outro. Uma coisa é má tanto quanto nos afasta do bem, leva ao prejuízo de outros, promove a mentira e o erro.

Outra instância ilusionista, como sabemos, é a **propaganda**. E de longa data. A “alma do negócio” não é outra coisa senão fazer alguém acreditar que precisa de algo de que, na maioria das vezes, não tem necessidade alguma. “Um raro prazer”, para um vício comercializado, ou uma paisagem paradisíaca e o *slogan* “Sinta-se um cliente preferencial tal e tal” ou ainda “Dê passagem para a diferença”, referindo-se a um carro de última geração o qual você não pode deixar de ter, são chamadas tão ilusórias quanto o fato de que têm o condão de transformar alguém em gente só por possuir tal coisa. E, ai do mortal que não tiver o perfume que atrai beldades, barras de ouro e juventude eterna. Sim, porque fora as propagandas de planos de saúde ou de cola para dentadura, nunca os protagonistas são idosos e, quando são, entra em cena um bom *Photoshop*, outra ferramenta de ilusão a cada capa de revista desse País...

E, aqui, creio que um dado ensinado pelo velho Sócrates, pode nos ser muito útil. Sócrates ensina, como já foi dito, que para vencer a ilusão da realidade, o ser humano deve trilhar o caminho do filósofo, que renuncia às coisas passageiras e **foca sua caminhada naquilo que é essencial**, que é duradouro e seguro, através de um treino (ascese) contínuo de escolhas e renúncias. Ora, o que poderia corresponder a esse projeto de “segura felicidade”, digamos assim, para nós, hoje? Uma caminhada que nos ajudasse a prosseguir na vida com critérios seguros de validade de nossas opções?

Creio que **duas instâncias**, intimamente dependentes, uma da outra: **valores e educação**. Por valores, podemos entender o que é bom e útil em muitas coisas e com variados matizes para cada um. No entanto, há valores

que são bons para todos, sem exceção. Respeito, solidariedade, altruísmo, compaixão, misericórdia, partilha, aceitação, diálogo, entre tantos, são exemplos que independem do perfil social, político e religioso. São universais, a não ser para algum radical tresloucado. Mas esses valores não se implantam por si. É necessário não apenas ensiná-los, mas **sobretudo, vivê-los**. E aí está a parte mais exigente, pois **depende do processo educativo**. Processo esse que não se inicia na escola, como muitos pensam, mas na família. Ela é a primeira e mais importante artífice desse processo. A escola poderá apenas subir as paredes do alicerce que a família tiver colocado antes. O que não é pouco. Mas o fundamento depende do núcleo familiar. É lá que a educação em valores será semeada. Sobretudo pelo exemplo. Pois a criança tem os pais como referência, máxima nos seus primeiros anos de vida. Assim, se ela vê seus pais ou responsáveis justos, honestos, respeitosos etc., será também estimulada a sê-lo. Senão, vai se questionar: se não vejo meus pais serem honestos, nem respeitosos até um para com o outro, não vejo diálogo, nem aceitação, por que hei de sê-lo? Não deve ser importante. E daí, perde-se o bonde da formação humana de um futuro adulto que estará ao sabor das ilusões, muitas vezes das drogas, quando não souber lidar com os “nãos” que a vida trará.

Assim, a **ascese socrática** apontada anteriormente, para nós educadores, **sobretudo pais**, mas também professores, pode constituir no **tempo precioso** que devemos dedicar ao **contato pessoal** com nossos educandos. A renúncia, hoje, para usar uma terminologia conhecida, consiste não em gastar tempo, mas em **investir tempo para estar pessoalmente com o outro**. **Educar é influenciar na vida das pessoas**. Isso não se faz “virtualmente”, jamais. É no contato pessoal, olho no olho, acolhendo alegrias e tristezas, e ouvindo, ouvindo muito, que poderemos influir nas consciências, para que, ao fazerem escolhas na vida, nossos jovens tenham critérios pautados por valores aprendidos mais com exemplos do que com palavras. E, ao fazerem escolhas adequadas, também tenham mais vida com sentido construtivo para si e para os demais.

Enfim, poderíamos estender esta discussão por muito tempo e por muitos meandros, recorrendo até aos pensadores do século XX, como Baudrillard, que questionaram a sociedade. Dizia ele que a mídia, por exemplo, cria a **hiper-realidade**, como capacidade de criar uma realidade virtual que chega a substituir a própria realidade, veiculada pelos meios de comunicação. Curiosamente, tornou-se praxe em muitas aulas de filosofia trabalhar o filme *Matrix* como meio de entender essa problemática. No entanto, sem um adequado processo educativo que envolva o binômio família/escola na missão comum de educar, não apenas em conteúdos acadêmicos mas, sobretudo, **valores** que se estendam eficazmente para a vida, a juventude pode continuar presa fácil das armadilhas do mundo contemporâneo por não saber fazer escolhas certas. **E isso não é ilusão!**